

UMA FAMÍLIA

UM DESTINO



ANTHONY REYNOLDS

# RUINATION

UM LIVRO

LEAGUE OF LEGENDS

# Prólogo



*Helia, Ilhas Abençoadas*

**E**rlok Grael erguia-se afastado dos seus pares enquanto esperava a Escolha.

Aguardavam dentro de um pequeno anfiteatro ao ar livre, com arquitetura de mármore branco reluzente e arcos revestidos de ouro. Helia exibia com orgulho a sua opulência, como se desafiasse as brutalidades da vida além das costas das Ilhas Abençoadas.

Os outros gracejavam e riam juntos, com o nervosismo coletivo a aproximá-los, mas Grael mantinha-se em silêncio e sozinho, de olhar intenso. Ninguém lhe dirigiu a palavra ou o incluiu em qualquer uma das graças sussurradas. Poucos eram os que tinham percebido sequer a sua presença. Os olhares deles moviam-se sobre ele e à sua volta como se não existisse. Para a maioria, não existia.

Grael não se importava. Não tinha nenhum desejo de partilhar conversa fiada fútil com eles e não sentia nenhuma inveja da sua camaradagem juvenil. Aquele dia seria o seu momento de triunfo. Naquele dia, seria recebido no círculo interior, iniciaria o aprendizado nos secretos patamares superiores da Irmandade da Luz. Conquistara a custo o seu lugar ali. Nenhum outro aluno presente se aproximava. Podiam provir da riqueza e da aristocracia, enquanto

ele descendia de uma linhagem de criadores de porcos analfabetos, mas nenhum deles era tão dotado ou merecedor como ele.

Os mestres chegaram, descendo um a um a escadaria central e silenciando o amontoado de esperançosos. Grael observou-os, os olhos ardendo com uma luz faminta. Humedeceu os lábios, saboreando o prestígio e a glória com que, em breve, seria coroado, antecipando todos os segredos que, em breve, lhe seriam confiados.

Os mestres posicionaram-se nos degraus inferiores do anfiteatro com expressões solenes, fitando o aglomerado de praticantes no piso abaixo. Por fim, após uma pausa demasiado longa para aumentar o *suspense*, um mestre pomposo e semelhante a um sapo, de pele pálida e aparência molhada, o Ancião Bartek, pigarreou e deu as boas-vindas aos alunos finalistas. O seu discurso verboso abundou em grandiloquência e apartes de congratulação própria, e os olhos de Grael turvaram-se.

Por fim, chegou o momento de os mestres escolherem quais dos finalistas seriam recebidos entre eles como aprendizes. Estavam presentes os superiores de todas as principais disciplinas e denominações da Irmandade. Representavam as Ciências Arcânicas, as várias escolas de lógica e metafísica, os Arquivos Abençoados, os Adivinhos Astrais, o Oratório Hermético, a Geometria Esotérica, os Buscadores e outros ramos do saber. Todos serviam, de uma forma ou de outra, o propósito superior da Irmandade: a recolha, estudo, catalogação e proteção dos mais poderosos artefactos arcanos existentes.

Era um aglomerado auspicioso de algumas das mentes mais brilhantes do mundo, mas Erlök Grael focava-se apenas num deles: a Hierarca Malgurza, Mestre da Chave. A sua pele escura tinha linhas abundantes, e o seu cabelo, outrora cor de ébano, tornara-se maioritariamente cinzento. Malgurza era uma lenda entre os praticantes de Helia. Não participava todos os anos na cerimónia da Escolha, mas, quando participava, fazia-o sempre para receber um novo aprendiz no círculo interior.

O Bastão da Escolha foi trazido. Foi passado em primeiro lugar à Hierarca Malgurza, a mais honrada dos mestres presentes. Recebeu-o numa mão ossuda, causando uma onda de murmúrios entre os alunos. Malgurza escolheria realmente um aprendiz naquele dia, e a sombra de um sorriso mostrou-se nos lábios finos de Grael. A anciã moveu o seu olhar penetrante sobre os esperançosos ali reunidos, que sustinham a respiração em uníssonos.

Quem fosse chamado pelo nome estaria destinado à grandeza, juntando-se a uma cúpula venerada e elitista, com o seu futuro assegurado. Os dedos de Erlok Grael palpitarão em antecipação. Aquele era o seu momento. Já quase dava um passo em frente quando a hierarca falou por fim, na sua voz rouca como bebida envelhecida em carvalho.

— Tyrus de Hellesmor.

Grael pestanejou. Por um segundo, pensou que teria havido algum engano, antes que a fria realidade da sua rejeição se abatesse sobre ele, como um balde de água fria que lhe fosse atirado à cara.

Ouviram-se uma exclamação de deleite do aluno escolhido, acompanhada de uma explosão de sussurros e gemidos. O aprendiz nomeado avançou entre palmadas nas costas e correu pelos degraus do anfiteatro acima para ocupar o seu lugar atrás da Hierarca Malgurza, com um sorriso largo na sua face arrogante.

Grael não reagiu, mas ficou perigosamente imóvel.

O resto da cerimónia passou num turbilhão difuso e surreal. O Bastão da Escolha passou de mestre em mestre, cada um escolhendo um novo aprendiz. Nome após nome, a multidão de esperançosos em volta de Grael reduziu-se até ele ficar sozinho. O mar de mestres e dos seus antigos pares fitava-o do alto, como um júri prestes a anunciar a sua execução.

As suas mãos deixaram de palpitar. A vergonha e o ódio contorciam-se dentro dele como um par de serpentes unidas numa luta mortal. Com um estalido de finalidade, o Bastão da Escolha

voltou a ser selado dentro do seu estojo cerimonial e foi levado por criados de vestes douradas.

— Erlok Grael — anunciou Bartek com olhos sorridentes. — Nenhum mestre te escolheu, mas a Irmandade é benevolente. Foi-te reservado um lugar que, esperamos, te ensinará humildade, de que muito necessitas, e pelo menos alguma empatia. Com o tempo, talvez um dos mestres se digne a receber-te...

— Onde? — interrompeu Grael, motivando murmúrios e expressões de reprovação, mas não se importou.

Bartek apontou-lhe o nariz bolboso e olhou-o. A sua expressão era a de um homem que tivesse pisado inadvertidamente alguma coisa pouco recomendável.

— Servirás como assistente menor dos Guardiões dos Limiares — declarou, com a malícia brilhando-lhe nos olhos.

Houve sorrisos e riso contido entre os seus antigos pares. Os *Limiares*, como os alunos lhes chamavam com desprezo, estavam no fundo, tanto em sentido literal como figurado. Eram quem guardava e patrulhava as profundezas dos subterrâneos sob Helia. As suas fileiras eram preenchidas por aqueles que tinham motivado a ira dos mestres, quer o tivessem feito por um grosseiro passo em falso político ou por uma falha menor, e por quem a Irmandade desejasse afastar do caminho. Na escuridão, podiam ser esquecidos. Eram uma piada. Um embaraço.

A voz condescendente de Bartek continuou, mas Grael mal ouviu as suas palavras.

Naquele momento, jurou que aquilo não seria o fim. Serviria entre os guardiões e asseguraria que o seu valor seria notado, de uma forma que nenhum dos seus mestres pomposos e patéticos ou dos seus pares arrogantes pudesse negar. Serviria um ano, talvez dois, e, então, ocuparia o lugar que lhe pertencia no círculo interior.

Não o quebrariam.

E recordaria aquele insulto.



*Alovédra, Camavor*

O sagrado Santuário do Julgamento estava escuro e frio, e Kalista apreciou o alívio do escaldante verão camavorano do exterior. Em sentido, envergando uma armadura justa e um elmo de penacho alto, esperou a decisão.

Apesar de já não estar ao sol, o jovem e esguio herdeiro do Trono Argênteo ajoelhado a seu lado transpirava, e a sua respiração era superficial e acelerada.

Chamava-se Viego Santiarul Molach vol Kalah Heigaari e esperava saber se seria coroado rei ou se aquele seria o seu último dia.

Governo absoluto ou morte. Não podia haver meio-termo.

Era o tio de Kalista, mas ela era mais como uma irmã mais velha para ele. Tinham sido criados juntos e ele sempre olhara para ela com admiração. Nunca foi destinado a ser o próximo rei. Essa posição deveria ter pertencido ao pai de Kalista, o primogénito, mas a sua morte inesperada tinha colocado Viego, seu irmão mais novo, na sucessão ao trono.

O som das massas aglomeradas no exterior chegava esbatido ao interior das paredes frias do santuário. Sacerdotes encapuzados, com as faces escondidas pela sombra e por máscaras de porcelana sem expressão, erguiam-se anónimos na penumbra, formando um círculo. O incenso dos seus turíbulos era enjoativo e acre, e o seu cântico sussurrado era monocórdico e sibilante.

— Kal? — sussurrou Viego.

— Estou aqui — respondeu Kalista em voz baixa, de pé a seu lado.

Ele ergueu o olhar para ela. A sua face nobre era longa e atraente, mas, naquele momento, parecia mais jovem do que os seus 21 anos. Os olhos estavam em pânico, como os de um animal preso entre a fuga e a luta. Na testa, três linhas tinham sido traçadas com sangue, unindo-se num ponto entre as sobrancelhas. O tridente de sangue era tradicionalmente desenhado apenas nos mortos, para ajudar a sua viagem rápida até ao Além e para assegurar que os Antepassados Venerados os reconhecessem. Era um sinal da letalidade do que se seguiria.

— Conta-me outra vez as últimas palavras do meu pai — sussurrou Viego.

Kalista ficou hirta. O velho rei fora o Leão de Camavor, com uma reputação temível em batalha... e no palco político. Mas, deitado no seu leito de moribundo, não se parecia nada com o robusto rei guerreiro que tanto tinha aterrorizado os seus inimigos. Nesses últimos momentos, o seu corpo estava gasto e magro, sem nada do poder e vitalidade afamados. Os seus olhos ainda irradiavam um pequeno indício do poder que detivera no seu auge, mas era como o último brilho nas brasas de uma fogueira, uma derradeira centelha antes de a escuridão o reclamar.

*Segurou-a com a sua última força, com mãos que se assemelhavam mais às garras de um abutre do que a qualquer coisa que pertencesse a um homem. «Promete-me», gemeu, ardendo com um fogo desesperado. «O rapaz não tem temperamento para governar. Culpo-me, mas és tu quem deverá suportar o peso, neta. Promete-me que o orientarás. Aconselha-o. Controla-o, se necessário. Protege Camavor. Passou a ser este o teu dever.»*

*«Prometo, avô», disse Kalista. «Prometo.»*

Viego esperou pacientemente, erguendo o olhar para ela. O rugido ténue da multidão no exterior cresceu e diminuiu como o estrondo de ondas distantes.

— Disse que serias um grande rei — mentiu Kalista. — Que eclipsarias até mesmo os seus feitos grandiosos.

Viego acenou afirmativamente com a cabeça, tentando consolar-se com as suas palavras.

— Não há nada de mal em ter medo — assegurou-lhe ela, o semblante austero suavizando-se. — Serias um tolo se não tivesses medo. — Piscou-lhe o olho. — Um tolo *maior*, digo.

Viego riu-se, mas o som tinha algo de histeria e foi demasiado sonoro no espaço cavernoso. Os sacerdotes arregalaram os olhos e o herdeiro do trono recompôs-se. Prendeu uma madeixa rebelde do seu cabelo ondulado atrás da orelha e voltou a fitar a escuridão.

— Não podes deixar o medo controlar-te — disse Kalista.

— Se a lâmina me reclamar, serás *tu* quem se ajoelhará aqui a seguir, Kal — sussurrou Viego. Refletiu naquilo por um momento. — *Serias* uma governante muito melhor do que eu.

— Não digas tais coisas — silvou Kalista. — És abençoado pelos Antepassados, com poder a fluir através das tuas veias que o teu pai não possuía. És digno. Ao anoitecer, serás coroado rei e tudo isto será apenas uma memória. A lâmina não te reclamará.

— Mas se...

— *A lâmina não te reclamará.*

Viego acenou lentamente com a cabeça.

— *A lâmina não me reclamará* — repetiu.

Houve uma mudança no ar e o cântico incessante dos sacerdotes acelerou. Os seus incensórios balouçaram de lado a lado. Luz penetrava no santuário através de uma lente de cristal disposta no centro da cúpula, lá no alto, enquanto o sol se posicionava por fim diretamente acima. Partículas de pó e colunas de fumo perfumado agonizante flutuavam no feixe de luz, revelando... nada.

A seguir, a Lâmina do Rei surgiu.

O seu nome era *Santidade*, e Kalista susteve a respiração enquanto a contemplava. Pairando suspensa no ar, a espada imensa existia apenas nos espirituais Salões dos Antepassados, exceto



quando convocada pelo legítimo governante de Camavor ou pelos sacerdotes para o julgamento de um novo soberano.

Cada monarca de Camavor envergava a Coroa Argêntea, um beligerante diadema com três espigões que se adequava na perfeição à longa linhagem de soberanos beligerantes, mas *Santidade* era o verdadeiro símbolo do trono. A primazia de quem empunhasse *Santidade* não era disputada, e possuir a Lâmina do Rei era ficar-lhe unido pela alma... mesmo que nem todos os herdeiros do trono camavorano sobrevivessem ao ritual de união.

E Kalista sabia que não era uma ameaça vaga e mítica. Ao longo da História, dúzias de herdeiros tinham perecido ali, no Santuário do Julgamento. Havia um bom motivo para alguns chamarem à lâmina a Dilaceradora de Almas, e era justamente temida tanto pelos herdeiros de Camavor como pelos seus inimigos.

A multidão no exterior silenciou-se. Esperavam em antecipação contida, preparados para receber um novo monarca ou para chorar o seu falecimento. Ou as portas seriam abertas e Viego sairia em glória, com a lâmina na mão, ou o sino no topo do santuário soaria uma única nota de luto, marcando o seu fim.

— Viego — disse Kalista. — Chegou a hora.

O príncipe real acenou com a cabeça e levantou-se. A lâmina pairava diante dele, esperando que a empunhasse. E, apesar disso, hesitou. Fitou-a, paralisado, aterrado. Os sacerdotes arregalaram os olhos atrás das suas máscaras sem expressão, motivando-o em silêncio a fazer o que tinham instruído.

— Viego... — silvou Kalista.

— Estarás comigo, não estarás? — sussurrou ele urgentemente. — Acho que não consigo fazer isto sozinho. Governar, digo.

— Estarei contigo — disse Kalista. — Estarei contigo, como sempre estive. Prometo.

Viego acenou-lhe com a cabeça e voltou a olhar para *Santidade*, pairando imóvel no feixe de luz. Em segundos, o momento passaria. A hora do julgamento tinha chegado.

O cântico dos sacerdotes atingiu um tom frenético. O fumo envolvia a lâmina sagrada como um amontoado de serpentes que se contorcessem. Sem hesitar mais, Viego avançou e segurou a espada, fechando as duas mãos sobre o punho.

Os seus olhos ficaram muito abertos e as pupilas contraíram-se intensamente.

A seguir, abriu a boca e começou a gritar.

# Primeira Parte

«Como o mundo teria sido diferente se aquela lâmina  
tivesse encontrado o seu alvo...»

Artífice-Sentinela Jenda'kaya

*Caríssima Isolde, irmã do meu coração,*

*Quando receberes isto, terás partido de Alovédra e estarás a dias de Santoras.*

*Desilude-me que os nossos esforços para encontrar uma solução diplomática tenham falhado, mas não te sintas desconsolada — a ideia de uma negociação sem sangue nunca teria sido sequer considerada durante o reinado do meu avô. Isto é uma evolução, e os teus apelos apaixonados para que Camavor evitasse criar mais inimigos e preservasse a economia do nosso aliado foram cativantes. Se Viego não estivesse tão ávido de cimentar o seu governo com uma vitória no campo de batalha, poderia nem ter dado ouvidos aos argumentos do clero e das Ordens Cavaleirescas.*

*Viego tem o teu conselho em grande estima, e a tua influência positiva sobre ele irá conter os piores excessos das Ordens Cavaleirescas. Evoluiu tanto, apenas no curto período do vosso casamento! Já implementou mudanças em que eu nunca teria pensado. A abertura noturna das cozinhas do Quartel Oriental para alimentar os pobres e os necessitados (que sei que resultou da tua insistência) mereceu-lhe muito apreço entre os menos afortunados de Alovédra, e continua a espantar-me que tenhas conseguido convencer Viego a atribuir um lugar no conselho a um representante eleito das classes mais baixas.*

*Continua a preocupar-me que viajes para aqui, para Santoras, e passes a estar tão perto do conflito vindouro, mas compreendo os teus motivos. Com efeito, se o resto da corte de Viego tivesse uma fração que fosse da tua sabedoria, empatia e compaixão, o mundo seria um lugar muito mais luminoso. Não há dúvida de que Santoras cairá, como caíram tantas outras cidades-estado e nações antes dela, mas acredito que tens razão: a tua presença assegurará que Santoras não será passada a gume de espada depois da batalha.*

*Os Grão-Mestres resistirão quando lhes for ordenado que não saqueiem a cidade — enriqueceram a encher os cofres com riquezas*

*lamentáveis roubadas a inimigos conquistados —, mas não ousarão contrariar Viego. Não deixará de haver alguma violência e saques, claro. Seria pouco realista acreditar no contrário. Mas julgo que este será o dealbar de uma nova era para Camavor, uma era construída sobre o reforço do comércio com aliados e a melhoria das vidas dos camavoranos comuns, sem nos fixarmos na conquista e carnificina brutais camufladas como «missão nobre».*

*Demorará tempo a mudar a cultura de missões obsoleta e selvagem das Ordens Cavaleirescas, mas, com a tua ajuda, confio que conseguiremos guiar Viego até ao seu fim definitivo. O que terá talvez começado como um empreendimento nobre foi corrompido pela ganância, e já há muito tempo que esta prática vil deveria ter terminado. O teu povo testemunhou em primeira mão os seus piores efeitos. Ninguém deveria ser forçado a ver a sua pátria violentada e os seus entes queridos chacinados como eles viram. Nada poderá ser feito para expiar essa atrocidade, mas podemos assegurar que não voltará a acontecer.*

*As histórias recordarão a tua influência sobre a grandeza futura de Camavor, sem dúvida. Consegues motivar Viego a exteriorizar o que tem de melhor. Isso dá-me muita esperança para o futuro.*

*A tua queridíssima amiga e aliada,  
Kalista*

# Capítulo Um



*As Planícies da Expurgação, Santoras  
Dezoito Meses Após a Coroação de Viego*

**K**alista vol Kalah Heigaari, General da Hoste, Lança do Trono Argênteo e sobrinha do rei, arrancou o elmo da cabeça. Inspirou profundamente e passou uma mão pelo cabelo longo e humedecido pelo suor.

O sol massacrava-a, incessante e implacável. O calor era tórrido e queimava-lhe os pulmões, mas, aos poucos, o seu batimento cardíaco começou a acalmar. Só então, com o desvanecimento da fúria da batalha, sentiu a dor e a pontada de ferimentos que não se lembrava de sofrer. Sentia a cabeça pesada e tinha um zumbido nos ouvidos. Tinha sido golpeada na cabeça? Era possível, mas a batalha fora tão caótica que não podia ter a certeza.

Os seus braços estavam pesados como chumbo e tinha as costas doridas. Tudo o que queria fazer era cair para o chão e fechar os olhos, mas não o fez. Nenhum soldado queria ver o seu comandante a ceder à exaustão. E assim, manteve-se de pé, rezando aos Antepassados para que as suas pernas não lhe cedessem.

Milhares de corpos estavam espalhados pela planície poeirenta. Onde os combates tinham sido mais intensos, empilhavam-se a grande altura, em fileiras onde os soldados se tinham enfrentado e morrido. A maioria estava imóvel, mas não todos. Sobreviventes dos dois lados palpitavam e gemiam. Mas os camavoranos tinham sido os vencedores e, assim, enquanto os seus feridos tinham sido levados dali para que os ferimentos fossem tratados, os santorasianos eram já eliminados.

Fora do campo de batalha, as mulheres e filhas, maridos e filhos desses soldados observavam, do alto das muralhas inclinadas de arenito da sua cidade. Kalista imaginou que conseguia ouvir o seu choro. Haveria pânico dentro daquelas muralhas. O seu rei tinha apostado tudo na resistência a Camavor, mas morreria e a sua cidade seria reclamada.

Muito atrás de Kalista, sobre uma elevação com vista para o campo de batalha, situava-se a tenda de onde o seu rei observava, com a rainha a seu lado. Viego quis estar ali em baixo, a combater, a comandar na frente, com a poderosa lâmina *Santidade* na mão. Afinal, descendia de uma linhagem de reis guerreiros e o seu pai era o lendário Leão de Camavor. Viego era rei há um ano e meio e queria provar o seu poderio tanto aos aliados como aos detratores.

Antes da batalha, tinha dispensado a recomendação dos seus conselheiros e generais, que insistiam para que observasse à distância, longe de perigo. Depois de se irem embora, Kalista confrontou-o.

— És o rei e ainda não tens um herdeiro — disse-lhe Kalista entre dentes cerrados, começando a perder a paciência.

— Estou farto de viver à sombra do meu pai — ripostou Viego. Estava equipado para a batalha, envergando armadura preta reluzente com aplicações de ouro. — Sou tão guerreiro como ele foi. Quero que esta vitória seja minha.

— Será tua quer estejas no campo de batalha quer não — respondeu Kalista. — As histórias vão registá-la como uma vitória do Rei Viego. Não importa que combatas.

— Importa para mim — contrapôs ele, irado.

Mais ninguém ousava falar-lhe no tom que Kalista usara, mas, em criança, Viego procurou sempre a sua aprovação e, de muitas formas, ainda o fazia.

Mesmo assim, Viego não se deixava convencer. Abriu a boca para argumentar, mas a Rainha Isolde pôs-lhe uma mão sobre o braço.

— Kalista é sensata, meu amor — disse ela. — Mantém-te a meu lado, por favor. Não tens nada para provar.

Apesar da doçura da sua voz, havia uma força formidável em Isolde. Viego suspirou e cedeu, por fim.

— Suponho que será apenas o orgulho a fazer-me querer lutar — disse, cobrindo a mão da rainha com a sua. — Farei como desejas, meu amor.

No campo de batalha quente e poeirento, rodeada pelos mortos e pelos moribundos, Kalista ergueu a sua lança numa saudação à distância ao casal real.

— É melhor procurares quem te veja isso, general — disse uma voz com um tom grave de barítono. Kalista virou-se para ver Ledros, o seu mais fiável e capaz capitão. Era um homem gigantesco, a cabeça e os ombros erguendo-se acima do segundo soldado mais alto nas fileiras camavoranas, com a face muito bronzeada coberta de cicatrizes pálidas. Como acontecia com toda a infantaria plebeia da Hoste, a sua armadura consistia em pouco mais do que uma couraça de couro cozido, um humilde elmo de bronze e grevas de couro. O seu grande escudo de madeira estava lascado e desfez-se em pedaços enquanto o desprendia de um braço. Aqueles braços eram colossais, tão grandes como as coxas de outro homem. Estava salpicado de sangue, mas pouco era seu.



Kalista fitou-o, tentando perceber a que se referia. Viu-o apontar-lhe um dos lados da cabeça e levou a mão à têmpora. Franziu a testa quando viu as pontas dos dedos ensanguentadas. Baixando o olhar para o seu elmo, que pendia de dedos dormentes, viu o corte num dos lados. Golpe de machado. Teria sido de raspão, caso contrário estaria deitada no pó com os outros cadáveres. Teve sorte, e Ledros sabia-o.

— Não é nada, capitão — disse.

Ledros trazia uma cabeça cortada, segurando o medonho troféu pelo cabelo. O rei santorassiano. Fora a morte daquele monarca guerreiro a destroçar o inimigo. E como sempre, depois de iniciada a fuga, o fim fora inevitável. O medo era contagioso no campo de batalha, e a determinação dos soldados podia ser frágil. A morte de um homem podia despedaçar uma fileira inteira de combatentes, tal como uma pequena pedra podia causar uma avalanche.

— Foi uma bela morte — disse Kalista.

O rei inimigo tinha reputação de espadachim hábil e, pelo que Kalista vira da forma como combatia, essa reputação não era exagerada. Tinha avançado pelo seu flanco direito à frente da guarda de elite, lutando como um semideus, chacinando tudo no seu caminho. A fileira camavorana vacilou, ameaçando destruir-se, até Ledros abrir caminho entre os homens para o enfrentar.

Sem dúvida que o rei fora um guerreiro dotado... Apenas nunca tinha enfrentado alguém como Ledros.

— O miserável respondeu à altura — grunhiu ele.

— Não foi suficiente, ao que parece — referiu Kalista. — As Ordens Cavaleirescas ficarão furiosas por lhes teres negado a oportunidade de reclamarem essa glória.

Ledros sorriu. As suas feições eram demasiado largas e grossas para ser considerado atraente, mas tinha uma face honesta. Não existia nele nenhuma malícia, o que era um traço muito raro.

— Isso apenas torna esta vitória mais doce — disse ele, com um brilho perverso nos seus olhos escuros.

Kalista fungou. Era um som pouco digno, mas não havia ninguém para o ouvir além de Ledros e os seus outros soldados leais da Hoste. Podia ser aristocrata, mas sempre se sentira mais confortável entre os plebeus do que entre outros nobres, com toda a sua lisonja, mentiras e traições. A política da corte camavorana era tão perigosa como qualquer campo de batalha, cheia de simulações, ataques súbitos e resistências desesperadas, mas Kalista preferia enfrentar os seus inimigos no campo de batalha. Aí, pelo menos, era possível ver quem empunhava a lâmina.

Nuvens de pó à distância mostravam para onde tinham fugido os restos dispersos do exército inimigo. Não durariam muito. Três Ordens Cavaleirescas principais tinham marchado para a batalha juntamente com a Hoste para derrotar Santoras — os Cavaleiros da Chama Azul, os Chifres de Ébano e a Ordem de Ferro —, acompanhadas de um punhado de ordens menores. Foi-lhes negada a glória de uma investida decisiva e vitoriosa, porque o inimigo cedeu antes de qualquer um deles se empenhar plenamente na batalha, por isso esses cavaleiros satisfar-se-iam a ceifar os sobreviventes.

Reprimindo a sua exaustão, Kalista caminhou entre a Hoste, com Ledros a seu lado. Ela queria que vissem a sua general. Parou frequentemente para elogiar soldados individuais, para gracejar com alguns e se compadecer de outros. Ajoelhou-se ao lado dos feridos, deu a mão aos moribundos e traçou o tridente de sangue nas testas dos que já tinham partido, proferindo palavras de gratidão pela sua bravura (soavam-lhe vazias, mas pareceram consolar os que ainda estavam vivos para as ouvir). Disse aos soldados mais jovens que passavam a ser veteranos e acenou com a cabeça aos veteranos reais, com os seus olhos assombrados. Sacerdotes com máscaras de porcelana avançaram pelo campo de batalha, batendo na pele tensa das suas pandeiretas para ajudar a orientar os espíritos dos mortos até aos Antepassados Venerados.

Por onde passavam, soldados punham as mãos nos ombros de Ledros. Até aqueles que não o tinham visto matar o rei inimigo sabiam do sucedido. Todos os soldados na Hoste o olhavam com espanto e reverência. Era o seu talismã. Kalista temia o que poderia acontecer se algum dia tombasse em batalha, pois ele era verdadeiramente o coração e a alma da Hoste.

O sol estava baixo enquanto Kalista e Ledros abriam caminho por entre os grupos de soldados reunidos. A garganta de Kalista estava seca e revestida de pó, e ela aceitou com gratidão um odre de água de um dos seus oficiais.

À medida que o choque do combate se esbatia, havia uma disposição jubilante na Hoste. Tinham sobrevivido ao dia e eram vitoriosos. Veriam novamente as suas mulheres, maridos e filhos, e o amanhecer seguinte pareceria glorioso por isso.

Ergueu-se um grande grito de júbilo por Ledros, e ele levantou obedientemente o seu troféu sangrento para que todos o vissem. Kalista viu o rubor nas bochechas largas dele e sorriu. Grande como era, e mesmo que fosse indomável em batalha e capaz de enfrentar uma carga de cavalaria sem indício de medo, aquele tipo de adoração deixava-o nervoso. Kalista achou isso enternecedor.

Ledros olhou-a. *Ajuda-me*, imploravam os seus olhos, mas isso apenas a motivou. Pôs uma mão sobre o ombro maciço do capitão, muito acima da sua própria cabeça, e ergueu a lança.

— Ledros! — rugiu ela. — Destruidor de Reis!

Viu-o fitá-la do alto, horrorizado, e riu-se do seu embaraço.

A Hoste rugiu em aprovação e entoou o seu nome. Estavam todos de pé, erguendo no ar armas amolgadas e ensanguentadas. Só quando começou a esmorecer, Kalista reparou no cavaleiro de armadura pesada ali perto, observando em silêncio. Montado num cavalo de guerra de proporções titânicas e revestido de aço, o cavaleiro era resplandecente na sua armadura ornada, com uma capa do veludo mais rico e de um púrpura intenso a cobrir-lhe os ombros.

Hecarim, Grão-Mestre da Ordem de Ferro. *O meu prometido.*

Kalista apressou-se a tirar a mão do ombro de Ledros. O júbilo de momentos antes tinha desaparecido, deixando apenas o silêncio. O grande capitão virou-se para Hecarim e baixou o olhar em deferência obediente, tal como fez cada membro da Hoste. Kalista não os imitou. Tinha sangue real e só diante do rei punha os olhos no chão.

As feições de Hecarim eram orgulhosas e nobres, requintadas e aristocráticas, e moveu o olhar imperioso sobre os soldados. Demorou-o em Ledros por um momento antes de o fixar em Kalista. O seu cabelo ondulado pelos ombros era escuro e a sua pele morena não apresentava marcas ou defeitos. Os olhos eram do verde intenso das profundezas marinhas e tinham uma intensidade que era simultaneamente cativante e perigosa.

Desmontou, pisando habilmente o solo com um clamor de armadura. Era alto e tinha ombros largos. *Não alto como Ledros, mas quem poderá sê-lo?* Uma escudeira avançou — a filha de um nobre suficientemente rico para lhe comprar um lugar ao lado de Hecarim — e segurou na brida do cavalo. A besta grunhiu e bateu com um casco ferrado no chão, enquanto os seus olhos brilhavam. Por um momento, pareceu prestes a morder a rapariga, mas uma palavra brusca do seu mestre acalmou-o.

— Senhora Kalista — disse Hecarim, baixando a cabeça, mas sem afastar os olhos dos dela.

— Milorde Hecarim — retorquiu Kalista, com uma subtil inclinação do queixo.

O silêncio alongou-se enquanto Kalista esperava que Hecarim falasse. Uma gota de suor escorreu-lhe pelas costas tensas e musculadas, sob a armadura. Casar-se-iam antes do fim do ano, mas, apesar disso, aquela era apenas a terceira vez que falavam. Havia entre eles uma estranheza compreensível, pois eram pouco mais do que desconhecidos. Dúzias observavam e ouviam por perto, mas,

se fosse honesta consigo mesma, apercebia-se sobretudo da presença de Ledros, que se erguia a seu lado, imóvel como uma estátua.

Como se sentisse os seus pensamentos, Hecarim voltou a olhar para Ledros, demorando-se a contemplar a cabeça cortada ainda presa na mão do capitão. Kalista pensou se diria alguma coisa sobre um serviçal plebeu que lhe tinha negado a honra daquela morte. Em vez disso, sorriu. Era um sorriso caloroso que lhe iluminou a face.

— Acompanhas-me por um momento, senhora? — disse Hecarim.

— Claro — respondeu ela.

Hecarim virou-se e ofereceu-lhe o braço. Kalista passou a lança a um subalterno e posicionou-se a seu lado, colocando a mão com leveza sobre o avambrado ornado.

*Seremos uma estranha figura.* Um agradável passeio vespertino por um jardim talvez se adequasse mais a um casal prometido, mas ali estavam, caminhando entre mortos e moribundos. A aparência de Hecarim era imaculada, e Kalista sentiu-se consciente do facto de estar coberta de sangue, pó e suor.

— Nunca digas que não te levo aos lugares mais aprazíveis — murmurou Hecarim, com um sorriso perceptível na voz. — Se tiveres sorte, talvez te leve a uma vala comum na próxima ocasião. Ou a um pântano. Com acompanhante, claro.

Agradou a Kalista ver que ele tinha espírito. Sentiu a tensão entre eles esmorecer um pouco e, a seguir, ergueu o olhar para ele. Pensou distraidamente em como era possível que tivesse os dentes tão perfeitos.

— É bom ver-te sorrir, senhora — disse ele com voz mansa.

Kalista olhou em redor.

— Surpreende-me que consiga fazê-lo — admitiu — nestas circunstâncias.

— Conseguiste hoje uma vitória convincente. Uma vitória memorável.

— Em nome do rei, glorificado seja.

— Claro.

As fileiras da Hoste puseram-se em sentido enquanto passavam, fazendo continência brusca.

— Adoram-te realmente, não é? — notou Hecarim.

— Apreciam um general que não os trata como ralé.

Hecarim grunhiu. Kalista não percebeu se estaria divertido ou se nunca teria realmente pensado naquilo. Na verdade, poucos nobres o tinham feito.

— Alguns temem que exerças demasiada influência sobre as massas plebeias — comentou.

— Porque não os comando para a chacina como gado?

— Porque são *muitos* — respondeu Hecarim, coçando o queixo.

— No passado, monarcas populistas chegaram ao poder com revoltas populares.

Kalista riu-se.

— Quem pensar que conspiro para me apossar do Trono Argênteo é um tonto abjeto — disse. — Não tenho desejo algum de governar e detesto a política da corte. Fico-me pelo campo de batalha.

Hecarim sorriu. *Antepassados, que homem bem-parecido.*

— E comandas bem os teus soldados — disse ele. — Mas, num vazio de boatos decentes, muitos sentem a necessidade de os fabricar. Ainda que chamar ao teu melhor soldado plebeu *Destruidor de Reis* talvez não faça muito para acabar com tal conversa.

Kalista franziu a testa.

— Não me importa nada o que sussurram pelas minhas costas — declarou ela. — A corte é um ninho de víboras.

A expressão de Hecarim tornou-se mais séria, e foi como se o sol mergulhasse atrás de uma nuvem. Parou e virou-se para Kalista, segurando as mãos dela nas suas. Era a primeira vez que se tocavam a sério.

— Perdão, nobre senhora — disse com sinceridade. — Não foi minha intenção perturbar-te. Vim apenas para assegurar que

estavas ilesa e para te congratular pela mestria estratégica que hoje revelaste.

Kalista sentiu as bochechas corarem.

— Obrigada — murmurou.

Hecarim soltou-lhe as mãos e continuaram em silêncio até darem uma volta completa, regressando ao ponto de partida. A escudeira do cavaleiro continuava a segurar-lhe a enfurecida montada de ébano e pareceu aliviada por lhe devolver as rédeas.

— Devo deixar-te, querida senhora. O rei ordenou que a cidade não fosse saqueada e quero assegurar que esse decreto será cumprido — disse Hecarim. — Haverá um festim triunfal dentro das muralhas. Dar-me-ás a honra de te sentares a meu lado?

— A honra seria minha, milorde.

Com um último sorriso, Lorde Hecarim voltou a montar o seu enorme cavalo. Deu meia-volta e partiu, com o seu séquito atrás como folhas sopradas pelo vento. Montava como alguém nascido na sela, como se ele e o seu furioso cavalo de guerra fossem uma única criatura.

Os seus cavaleiros gritaram de júbilo quando o seu Grão-Mestre voltou a juntar-se-lhes. Com o soar de uma trompa, aquele que era conhecido como Arauto de Ferro assinalou a marcha, e a ordem partiu para a cidade conquistada.

O pó ergueu-se atrás deles e a expressão de Kalista ensombrou-se. A cidade de Santoras não seria saqueada, mas, ainda assim, haveria alguns roubos e pilhagens, apesar do que Hecarim tinha dito. Era algo que existia sempre no rescaldo da batalha. E ela sabia que quem resistisse seria chacinado.

Ledros cuspiu no chão.

— Monta bem — disse. — Admito isso.

# UM CONTO ÉPICO DE MAGIA, DE VINGANÇA E DE UM IMPÉRIO À BEIRA DA RUÍNA

Quando o tio de Kalista, o jovem e narcisista Viego, se torna rei, ela promete moderar os seus instintos destrutivos, tornando-se sua leal confidente, conselheira e general militar. No entanto, Kalista vê os seus desígnios gorados quando a lâmina envenenada de um assassino atinge a esposa de Viego, Isolde, contagiando-a com uma doença incurável.

À medida que o estado de Isolde piora, Viego desce à loucura e à dor, ameaçando arrastar Camavor consigo. É então que Kalista tenta uma jogada desesperada para salvar o reino, lançando-se em busca das lendárias Ilhas Abençoadas. Elas poderão ser a chave para a salvação da rainha — isto é, se Kalista conseguir encontrá-las.

A corrupção cresce na capital das Ilhas Abençoadas, onde um guardião vingativo procura enredar Kalista nas suas cruéis intrigas. Ela será forçada a escolher entre a sua lealdade a Viego e fazer o que ela sabe que é certo... Porque, mesmo perante a escuridão absoluta, um gesto nobre pode fazer brilhar a luz que salvará o mundo.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)  
 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)  
 [penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN 9789897847295



9 789897 847295 >